

Apresentação

A revista Moara, número 39, voltada para os estudos literários, está composta de doze artigos de autores das mais diversas regiões do Brasil, com assuntos muito diversificados como a crítica de arte, a ficcionalização histórica, a tradução, a política, o cânone literário e muitas outras inquietações da contemporaneidade. Ressalta-se também a diversificação dos trabalhos em termos dos gêneros literários discutidos, englobando a prosa, a poesia, e o teatro e trazendo à cena autores importantíssimos do século XX e XXI, brasileiros e estrangeiros.

A ficcionalização histórica, como aborda Shirley de Souza Gomes Carreira, mostra os repetidos e variados cenários e o uso do maquinário empírico no romance, podendo-se extrair dele as empatias ou identificações imediatas com os fatos narrados, ou como em *Os demônios de Loudun*, de Aldous Huxley, uma certa relação por fora da regra com a história, seus bastidores e labirintos.

Em ‘Viajar também é escrever’ a autora Claudete Daflon explora as implicações dos diferentes modos de viajar em relação à escrita literária, tratando de superar a abordagem subordinada daquela relação às definições do gênero do relato de viagem. A partir de um corpus de referências bem focadas revela-se a maneira como a diversidade de experiências de trânsito ou de deslocamento se inscreve na criação literária, tornando essa relação indissociável. Desse modo, a análise se afasta da visão polarizada e taxionômica tradicional.

Diana Junkes faz um estudo do romance Budapeste, de Chico Buarque, destacando o caráter babélico e contingente da situação do personagem em meio a língua e cidade estranhadas. Para isso Martha trabalha com os conceitos da contingência como categoria do Real, a partir de Lacan, da tradução “como mecanismo de busca da subjetividade e rasura da origem”, em Derrida, e relaciona esses conceitos com a ideia de transcrição, tal como proposta por Haroldo de Campos.

Rozario Lazaro e Walter Costa estudam o ensaio de Haroldo de Campos, “O afreudisiaco Lacan na Galáxia da lalíngua (Freud, Lacan e a escritura)”, nas relações que tece o crítico paulista entre Freud, Lacan e a paranomásia como figura retórica posta em relevo pelo programa concretista, tanto na produção poética quanto na produção tradutória do grupo. Lazaro e Costa destacam como eixo particular da ligação de Campos com a psicanálise, naquele e em outros ensaios, a posição radical acerca da materialidade da linguagem e suas possibilidades, como também “os parentescos entre palavras como chaves de acesso à língua pura benjaminiana”

O artigo ‘Aspectos editoriais e discursivos nas retraduições para o português de *Alice’s adventures in wonderland* de Lewis Carrol’ dos autores Micla Cardoso de Souza e Váلمي Hatje-Faggion se insere na teoria funcionalista dos estudos de tradução. Foram selecionadas três traduções para o português da obra *Alice’s adventures in wonderland* de Lewis Carroll com objetivo de demonstrar como a tradução da obra varia dependendo do projeto da editora e do tradutor.

Voltando-se para os esboços iniciais sobre a velhice na obra de Carlos Drummond de Andrade Marcelo Ferraz de Paula lê a imagem inteira do sujeito drummondiano, particularmente maduro e cansado, detido na sua rude ternura. A combinação madureza/pessimismo é apresentada neste artigo como ação/expressão, e não se aproxima propriamente do binômio velhice/doença dos manuais médicos, e é exposta com o auxílio das articulações conceituais e críticas feitas com Antônio Cândido, Vagner Camilo, Alcides Vilaça, entre outros.

Alexandre Pilati analisa o poema “As cinzas de Gramsci” (1954), de Pasolini, tecendo relações entre a obra do poeta-cineasta e a obra de Gramsci. Pilati destaca como o eu lírico pasoliniano revela um núcleo inquieto que se traduz na figura do “coração consciente” que, a partir da realidade transfigurada, compõe uma “estrutura lírica que se expande para dar a ver os seus próprios limites dentro da sociedade reificada”.

Christine Ferreira Azzi, em “A crítica de arte e a arte como crítica: o legado de André Malraux”, investiga as múltiplas facetas do pensamento de André Malraux, comentando as possíveis relações por ele examinadas entre arte, cultura e religião. A autora discute o papel do intelectual e suas formas de ação política, estabelecendo um diálogo com outros autores que também se debruçaram sobre a crítica de arte, tais como Walter Benjamin e Michel Deguy.

A partir das noções de retrato incondicional e de escritura pornográfica, Piero Eyben em “Vida em excesso: retrato incondicional ou Nelson Rodrigues como decisão textual” discute a peça *Vestido de noiva*, de Nelson Rodrigues, propondo uma indagação a respeito da responsabilidade ética frente ao outro. A leitura, embasada pelo pensamento de Jacques Derrida e Emmanuel Lévinas, valoriza a ideia de segredo, mostrando como o teatro rodriguiano questiona a lógica da representação e pensando a sua escrita como um excesso de vitalidade.

A pergunta de Heinrich von Ofterdingen (personagem de Novalis): “Para onde estamos indo?” associada às noções blanchotianas de “ponto de origem” e *désœuvrement* (desobra/inoperância) retraçam no artigo “Política e revolução no pensamento de Maurice Blanchot”, de Masé Lemos, o percurso de uma revolução da linguagem que aponta estarmos “indo sempre para casa” – lugar da origem, sim, mas também do estranhamento, do inessencial. A partir daí a autora retoma o diálogo de Blanchot e Sartre em torno da concepção da linguagem e da escrita.

O poema “Spot”, de Manuel de Freitas, publicado na obra *Game Over* (2002) é estudado por Luís Maffei no artigo apresentado no qual aponta oposições entre a poesia e a publicidade, buscando mostrar as vertentes entre a poesia e a política na obra de Freitas. Com efeito, Maffei destaca como objetivo principal do trabalho definir a poesia de Freitas como “uma poesia que se quer política, num tempo específico”, mas não uma política tomada num sentido raso, mas antes uma poesia que analisa e critica a sociedade e a cultura nos tempos atuais.

Inspirando-se na sociologia de Pierre Bourdieu, Claudio do Carmo Gonçalves oferece uma reflexão sobre a formação do cânone literário brasileiro no início do século XX. Em ‘Exclusões do cânone: Gustavo Barroso e o pré-modernismo brasileiro’, a partir de categorias como ‘capital cultural’ e ‘capital pessoal’, a exclusão tácita do intelectual e homem de letras, Gustavo Barroso, é analisada sob a ótica do desvio da expectativa estética do pré-modernismo, deslocando o autor para a margem do cânone.

Christiane Stallaert
Germana Henriques Pereira
Izabela Leal